manuscrítica

Revista de Crítica Genética
ISSN 2596-2477

N. 55•2025

Submetido: 12/04/2025

Aceito: 14/04/2025

Explodindo o arquivo: o Curso de Poética de Paul Valéry [1]

Roberto Zular[2]

Resumo

Este ensaio foi escrito no contexto do 16° Congresso da APCG sobre o "Arquivo expandido: conexões e processos de criação" e procura mostrar como essa noção é importante na configuração de uma visão mais ampla da crítica genética, sobretudo quando pensada dentro das dinâmicas também expandidas das práticas culturais. Isto é, se levarmos às últimas consequências os aportes da crítica genética à teoria literária, veremos o quanto o próprio conceito de processo, de obra e, claro, de arquivo, muda de configuração. E faremos isso com e através do *Curso de Poética* de Paul Valéry, recentemente publicado pela editora Gallimard (2023). Nossa finalidade, portanto, é dupla: (1) apresentar um pouco as questões envolvidas na publicação do *Curso de Poética* de Valéry; e (2) tomar as posições de Valéry sobre a antropologia da escrita que ele desenvolve no curso como uma provocação ao modo como concebemos a escrita e os arquivos.

Palavras-chave: Paul Valéry; *Curso de Poética*; Publicação do curso; Antropologia da escrita.

1 Este texto foi pensado e escrito para ser apresentado como conferência durante o "16° Congresso Internacional da APCG: Arquivo expandido. Conexões e processos de criação", na Mesa "Literatura e edição". O autor generosamente autorizou sua publicação, após alguns ajustes realizados por ele.

2 Professor de Teoria Literária e Literatura Comparada da USP. Entre outros autores, traduziu, com Álvaro Faleiros, Feitiços [Charmes], de Paul Valéry, premiado pela Biblioteca Nacional (2021). Do mesmo autor, com Fábio Roberto Lucas, publicou Poiética [Cadernos] indicado ao Prêmio Jabuti de 2023. Dedica-se ao estudo da poesia moderna e contemporânea, especialmente quanto às relações entre corpo, linguagem, historicidade, ritmo e voz.

manuscrítica

Abstract

This essay was written in the context of the APCG 16th Congress on the "Arquivo Expandido: conexões e processos de criação" and seeks to demonstrate how this notion is crucial for shaping a broader vision of genetic criticism, especially when considered within the also-expanded dynamics of cultural practices. That is, if we take the contributions of genetic criticism to literary theory to their ultimate consequences, we will see how the very concepts of process, of the work, and, of course, of the archive, undergo significant transformation. We will explore this with and through Paul Valéry's *Course in Poetics*, recently published by Gallimard (2023). Our aim, therefore, is twofold: (1) to present some of the issues surrounding the publication of Valéry's *Course in Poetics*; and (2) to take Valéry's positions on the anthropology of writing, developed in the course, as a provocation to how we conceive of writing and archives.

Keywords: Paul Valéry; *Course in Poetics*; Publication of the course; Anthropology of writing.

De um modo geral, como sabemos pela noção de Poiética[3], a base do pensamento valeryano parte da concepção de *poiesis*, isto é, da raiz grega de *poiein*, *fazer*, que pensa a arte como uma prática e que, enquanto prática, dialoga com outras práticas culturais e sociais. Mais do que isso, por se tratar de uma prática, trata-se de algo que não envolve apenas documentos ou objetos, mas de um tipo de experiência que só existe em ato: no ato de sua produção, no ato de seu arquivamento, no ato de sua publicação, no ato de sua recepção. O que significa que pensar uma o arquivo expandido, neste caso, é pensar o ato de mediação do "arquivar" como um gesto que potencializa outros atos e que não se basta em si mesmo, mas que se "expande" também pelos corpos e usos que o arquivo agencia.

Poiesis de arquivo significa, pois, pensar o lugar dos atos e dos corpos nos arquivos e o arquivamento do e no corpo, sendo que esses dois vetores não raro funcionam concomitantemente. É a partir desse duplo lugar do corpo e do arquivo que gostaria de propor um pequeno percurso pela antropologia da escrita a partir de Valéry e as dinâmicas dos modos de existência das práticas verbais que essa antropologia implica.

A *poiética* do Curso de Poética de Paul Valéry

Comecemos pela experiência que levou à publicação do *Curso de Poética* de Valéry organizada por William Marx para a Gallimard. Como sabemos, Paul Valéry, que nasceu ainda no século XIX, tinha passado a vida escrevendo os seus famosos cadernos num ritual matinal que se manteve de 1894 até o dia da sua morte em 1945. Esses cadernos nunca foram publicados. Mas eis que no final de sua vida, em 1937, ele é convidado para se tornar professor no *Collège de France*. Situação que ele aceita sobretudo por razões financeiras. Seria também a oportunidade de tentar dar uma forma mais consistente para suas reflexões de uma vida, configurando aquilo que Marx chamou de uma antropologia do espírito.

Mas a organização e publicação dessa ambiciosa antropologia estava estagnada havia muitos anos. Conhecia-se o material preparatório de alguns cursos que se encontravam no acervo da Biblioteca Nacional da França e algumas publicações (inclusive em outros países). No entanto, a novidade que possibilitou a realização dessa edição foi o fato de William Marx ter também se tornado professor no *Collège de France,* onde teve acesso a documentos inéditos que ali se encontravam, além de poder contar com uma equipe significativa para a elaboração do projeto. Recuperou artigos de jornal e relatos sobre aulas em anotações de alunos, publicações de partes do curso na imprensa e cartas. Escreveu pequenas

3 Sobre este assunto, vale a pena a leitura do livro Poiética [Cadernos] que eu e Fábio Roberto Lucas publicamos pela Iluminuras (2022) a partir dos cadernos de Valéry)

introduções para cada aula de Valéry, tentando dar uma organicidade que diz mais respeito ao editor que aos documentos. Relacionou ainda essas informações com o vasto material já existente da obra publicada ou dos manuscritos de Valéry.

O resultado foram 2 tomos com mais de 1500 páginas que, se por um lado, são uma reconstrução muito parcial do curso, por outro são uma extraordinária empreitada que dá uma excelente noção do que podem ter sido as aulas e os desdobramentos das ideias gerais desse último Valéry tão próximo de sua morte. Como disse antes, o arquivo não é apenas um conjunto de documentos, mas aquilo que fazemos dele. No fundo e não por acaso, esse problema tem muito a ver com o próprio tema do curso de poética e a proposta valeryana de uma antropologia da escrita, ou, ainda de forma mais ampla, de uma antropologia do espírito que Valéry expande a todas as atividades humanas ao longo do curso.

A antropologia do espírito

Valéry desenvolve essas noções de antropologia como um esforço de pensar a potência e os limites do espírito humano na sua mais ampla dimensão. Nas palavras de Marx, tratava-se de uma "antropologia total da criação e da vida intelectual – uma antropologia, no sentido de que aí estão intimamente articuladas, e como nunca antes, três dimensões constitutivas da existência humana: a biológica, a social e a histórica. Essa perspectiva antropológica global tem tudo para renovar profundamente nossa compreensão do projeto de pensamento de Valéry, ao finalmente destacar a profunda unidade que fundamenta uma das mais completas concepções da humanidade e do mundo já produzidas" (VALÉRY, 2023, I, p.35).

Entre a humanidade e o mundo, entre o nosso corpo e as outras miríades de corpos, a antropologia do espírito surge como a possibilidade de pensar uma dimensão não apenas humana e seu mundo próprio, mas de que o mundo é composto por uma multiplicidade de mundos que outros corpos constituem e que se forma na interrelação entre eles: eu contenho um mundo que me contêm e na diferença entre esses mundos habita a dimensão do espírito.

Para construir esse complexo jogo de "matrioskas" que se engolem umas às outras, Valéry parte, como dissemos, da noção mais básica de *poiética*, com esse pequeno "i" que enfatiza sua raiz grega como uma dimensão decisiva da aventura humana: a dimensão do ato, seja ele de pensamento, gesto ou palavra, esse fazer que é intrínseco aos nossos modos de existência.

Para o Valéry do *Curso*, a sensibilidade, as diferentes qualidades do mundo sensível, os diferentes modos de existência dessas qualidades é a base de toda poiéitca. Isso porque os campos sensíveis se atravessam formando sistemas de diferenças, tanto pela diferença interna a cada um deles (entre

as cores, por exemplo), quanto pelo atravessamento entre campos sensíveis heterogêneos (formando uma diferença entre sistemas). O importante é notar que essas variações sensíveis não param de variar, assim como as infinitas formas de regulação vão se sobrepondo umas às outras. Cada ato é uma espécie de nó, um modo singular de amarrar esses mundos heterogêneos que variam e se sobredeterminam.

Assim, para Valéry, não existe uma obra separada dos atos de ler e escrever, como poderíamos desdobrar na ideia de que não existe um arquivo separado dos atos que o constitui. E a questão é que esses atos estão atravessados pelo corpo, o espírito e o mundo que por sua vez são atravessados pela sensibilidade.

Mas eis que também só se pode pensar a sensibilidade como um ato. Daí porque Valéry percebe que aquilo que parece dado, como uma natureza intocada em torno de nós, na verdade é uma complexa interação entre o que é dado e o que é construído. Mesmo o "nosso corpo", "o mundo" ou aquilo que chamamos de natureza está o tempo todo se fabricando. No fundo estamos respondendo ao corpo e ao mundo, sendo que o que chamamos "espírito" é um contínuo de atos que marcam a passagem de uma percepção a uma sensação, de uma sensação a outra sensação, de uma situação a uma ideia, de uma ideia a um afeto, de um afeto a uma lembrança: em suma, estamos infinitamente traduzindo uma coisa por outra, mesmo porque, para Valéry, as próprias coisas se caracterizam por sua transformação, pela possibilidade de se tornarem algo diferente daquilo que são.

A graça é que, como para os grupos de transformação de Lévi-Strauss, toda transformação implica em algo que se conserva, não há transformação sem conservação: esse é um tema tão importante que Valéry chega a definir a poiética – e as obras de espírito – como uma transformação que tem a própria transformação por objeto.

E eis o ponto onde queríamos chegar: essa dinâmica interna do pensamento de Valéry se desdobra na própria transformação dessa transformação em um curso[4] cujos registros conservam algo do movimento de suas passagens para que possamos experimentá-los. Mais do que isso, a força de uma obra, como dos próprios cadernos e do curso, se dá pelo fato dela também tornar-se mundo, isto é, tornar-se algo diferente do que ela é e que possibilita um outro grupo de transformações de sua forma a partir de outras pessoas, tempos e espaços, como a edição de William Marx que comentamos acima e utilizamos ao longo deste trabalho.

4 "Este curso que trata das fabricações do espírito pelo espírito é uma fabricação do espírito pelo espírito (Cours, II, 279).

De volta ao arquivo

Talvez agora possamos nos inclinar novamente sobre a *poiética* do arquivo, (que carrega também uma dimensão ética) como uma estranha existência de objetos escritos que só se realizam enquanto ato. Dentro desse conceito, como vimos, o que seria o "objeto" se amalgama ao ato, o que o torna um agenciamento que se desdobra em diferentes capacidades pessoais, corporais e materiais que são perspectivadas por outros atos, de diferentes pessoas, infinitamente.

Como o espírito é um modo de articulação entre corpo e mundo, o ato é um articulador entre corpos (do escritor, do leitor, da "obra"). A *poiética* diz respeito às práticas e às formas de vida que elas inventam. Uma transformação que tem a transformação por objeto, como dissemos. Um espaço metamórfico, transicional, de hesitação prolongada entre mundos.

Uma obra, um arquivo, um processo, não seriam mais que essa "metamorfose ambulante" produzida por atualizações de uma virtualidade infinita de atos que eles tornam possíveis.

O objeto sempre carrega algo aquém e além de sua própria existência. E no caso de Valéry trazem para o primeiro plano sua contingência, seu aspecto indeterminável e mesmo interminável. Mas como é preciso terminar este ensaio, talvez valha a pena tentar reter algo desse jogo contínuo de transformações como uma poiética do sujo tal qual captada na genial intuição de João Cabral de Melo Neto em "Debruçado sobre os cadernos de Paul Valéry". Ali, tanto nos cadernos como no curso, tanto nos processos como nos arquivos, o que está em jogo é a imprecisão, a rasura, a instabilidade, a equivocidade, enfim, o sujo: aquilo que está sempre por fazer mesmo no que parece já feito:

"Quem que poderia a coragem
de viver em frente da imagem

do que faz, enquanto se faz,
antes da forma, que a refaz?

Assistir nosso pensamento
a nossos olhos se fazendo,

assistir ao sujo e ao difuso
com que se faz, e é reto e é curvo.

Só sei de alguém que tenha tido
a coragem de se ter visto

nesse momento em que só poucos
são capazes de ver-se, loucos

de tudo o que pode a linguagem:

Valéry – que em sua obra, à margem,

revela os tortuosos caminhos
que, partindo do mais mesquinho,

vão dar ao perfeito cristal
que ele executou sem rival.

Sem nenhum medo, deu-se ao luxo
de mostrar que o fazer é sujo”[5]

Sujo por tudo que nele se junta, pela ontologia instável que o caracteriza, pela multiplicidade de gestos que ele encarna, pelas diferentes práticas que o atravessam, pelos rastros do corpo que ele carrega e pelos outros corpos que ele aciona, pela sua potência de transformação, pelas marcas das rasuras, enfim, pelas infinitas camadas heterogêneas que o ato de escrita coloca em jogo.

5 MELO NETO, João Cabral de. Obra completa/João Cabral de Melo Neto. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p.274.

Referências bibliográficas

VALERY, Paul. **Cours de poétique**. Paris : Gallimard, 2023.

VALERY, Paul. **Poiética [Cadernos]**. São Paulo: Iluminuras, 2022.

MELO NETO, João Cabral de. **Obra completa/João Cabral de Melo Neto**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.